

O LIVRO E A LEITURA À LUZ DO ESPELHO

Rodrigo da Costa Araujo¹



Abra este pequeno livro (2013), de Jesse Klausmeier, com ilustrações de Suzy Lee revela, num primeiro lance de olhar, o jogo metalinguístico do processo da leitura ou do próprio ato de brincar com o livro. Jogo relacional, além de apelativo pelo título que nomeia a obra, a brincadeira propõe equações, referências recíprocas de um sistema de signos e de linguagem.

Espécie de elogio ao livro e à leitura, *Abra este pequeno livro* - que não tem nada de pequeno - é, também, metáfora e estratégica da leitura como jogo

1 Doutorando em Literatura Comparada e Mestre em Ciência da Arte [2008] pela Universidade Federal Fluminense. Professor de Literatura infantojuvenil e Arte Educação da FAFIMA - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces*, *Leituras em Educação* (2011) e *Literatura Infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite* (2012), todas lançadas pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br

da memória ou identidade individual e coletiva, bem como baú que guarda alguma visão de mundo, impressões visuais, relações, descobertas, saberes, memória poética.

Livros dentro do livro, a obra sugere que um personagem abra um novo livro, e o leitor, por sua vez, abra junto com ele, descubra outro, e assim, sucessivamente, até o infinito de livros e leituras, descobertas e horizontes. O livro como um todo, é a arte e arte de inventar, de fingir, de enganar e ao mesmo tempo mostrar o seu engano. Essas atitudes são vistas em livros que se repetem na ilustração e na própria estrutura da obra, na leitura que se propõe e no ato de folhar, nas bordas das páginas que escondem e prolongam, visualmente, um quantitativo de páginas que não existe de fato, no gesto de abrir e fechar, na multiplicidade poética de livros e leituras nas mãos dos personagens e na do próprio leitor. É, também, uma linguagem instauradora de realidades e exploradora dos sentidos, a qual possui uma capacidade de gerar, tanto na forma impressa, como poética, inúmeras significações a cada nova leitura ou olhar, porque a leitura é, a partir daí, uma estratégia visual.

Semelhante aos hipertextos, os livros que se abrem dentro desse livro maior, trazem formatos inovadores, proporcionando uma experiência de leitura estética, criativa, lúdica e interativa. Dentro de cada livro, escondem-se livros menores, até ficarem menores ainda, tão menor do que o dedo da gigante da história, que precisará da delicadeza no ato de virar a página. Suzy Lee e Jesse Klausmeier criam, ludicamente, assim, livros dentro de livros que merecem ser lidos em suas individualidades, delicadezas e gesto específico. Leitura e sentidos, os sentidos da leitura, ou mesmo, a leitura pelos sentidos: o ver, o ler, o sentir, o manusear.

No processo de leitura, as cores assumem diversos tons ao longo das ilustrações e livros que aparecem, pois cada animal, em seu zoológico específico e particular de leitura, faz alusão a uma cor (a joaninha vermelha, o sapo verde etc), e, por sua vez, a cada livro, em sua forma e dimensão, é apresentado por alguma cor diferente. Ao acompanhar esse processo, e quando todos os livros estiverem abertos, o leitor descobrirá certa leitura

arco-íris, como *mise en abyme*, em diversas molduras e colagens, infinitas configurações, formas, jogo visual e criativo. E como leitura cumulativa, as guardas do livro, inicialmente cinzas, apontam todas as cores desse arco-íris que sugere, delicadamente, o ato de ler, os sentidos de cada leitor e tons que encerram a obra e o mundo colorido da leitura.

A criatividade da ilustradora não se restringe apenas à concepção do livro-objeto, pelo contrário, o trabalho plástico resgata personagem clássico da literatura universal, como o coelho, de *Alice no País das Maravilhas*, que carrega um relógio no bolso, também ele, metáfora que demarca ou altera a temporalidade da leitura.

Feito gramática visual do gesto de ler, a obra é um discurso essencialmente metalinguístico porque se trata do código explicando o próprio código e seu processo relacional. Ou seja, manifesta-se quando se utiliza sistemas de signos de um mesmo conjunto, onde as referências apontam para si próprias, em outras palavras, a metalinguagem permite explicar a estrutura de um objeto.

Essa estrutura da obra revela visualmente, certa lógica moderna que aponta para uma linguagem-objeto, referindo-se à nomeação do ato de ler, e a uma metalinguagem, cujo objeto é ela mesma.

Obra contemporânea, *Abra este pequeno livro* apresenta como uma de suas principais características a capacidade de autorreflexão. A metalinguagem pode se manifestar no sentido de provocar uma cumplicidade com o público, desvendando os “mistérios” da produção da leitura. O recurso da leitura dentro da leitura pode ser entendido como uma narração em reflexo, na qual o livro, e os livros nele exposto misturam-se e confundem-se, propositalmente.

Por outro lado, as repetições do livro e do gesto de ler enfatizam a pluralidade de sentidos da leitura e o ponto de vista do leitor, da visão de mundo que sua condição lhe dá, do recorte e angulação escolhidos, enfim, revelam alguns traços da leitura, ainda que ocultando, sutilmente, outros.

A leitura, nessas brincadeiras lúdicas, surge como certa *mise en abîme*

retrospectiva, recurso que antecipa e reitera elementos da analogia de um leitor que nasce a partir do que resume ou semioticamente entende. Jogo esse que o reconhecimento da reflectividade, estabelecido pelos diversos livros que sugerem conhecimento, instituindo-o, estabelece com que a leitura dos personagens ou cenas de leituras deles, reiterados por signos verbais, gestuais ou ilustrativos funcionem como catalizadores da atenção do leitor para o estabelecimento da obra em sua totalidade.

É em decorrência dessa visão que podemos entender que toda leitura aciona mecanismos próprios do trabalho com a linguagem e se faz, por isso, linguagem sobre linguagem, porque o leitor, ao encontrar as palavras ocupadas, habitadas por outras vozes, questiona o código ainda que apenas no nível dos significados. A partir da obra, confirma-se que ler é uma atividade produtora de sentidos, mas ler criticamente é metalinguagem, descrever os processos de feitura do texto com o auxílio de um referencial teórico que sirva de alicerce e de sustentação de pontos de vista.

Abra este pequeno livro e todos os livros que ele contém não funcionam apenas para remeter-nos a referências externas a ele ou a meros recursos ilustrativos. Seus livros internos nos remetem aos próprios textos e a seus componentes simbólicos, reforçam que a linguagem, nesse caso, torna-se metalinguagem, isto é, linguagem que se volta para si mesma, insistentemente.

A riqueza e poeticidade da leitura aparecem, neste livro, de modo bem claro, sem perder o jogo lúdico, prazeroso e descontraído da aprendizagem. Tudo, de certa forma, confirma que não precisamos sair do mundo da linguagem para a produção de sentidos. Importante é não considerarmos dessa autorremissão poética um trabalho intransitivo, alienado: trata-se de uma viagem surpreendente e sem fim que abrange todos os territórios da nossa existência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

KALUSMEIER, Jesse. *Abra este pequeno livro*. São Paulo. Cosac Naify. Ilustrações de Suzy Lee. 2013.